



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA

*afirmação  
com 2 substituições  
25/6/14*

## ATA NÚMERO TRÊS

### ATA DA 2.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E CATORZE.

----- Aos vinte e cinco dias do mês abril do ano de dois mil e catorze, pelas nove horas e trinta minutos, na Praça Doutor José Vieira de Carvalho e no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal da Maia, na sua 2.ª Sessão Extraordinária, convocada pelo seu Presidente, Luciano da Silva Gomes, em edital datado de quatro de abril de dois mil e catorze, com a seguinte -----

#### ORDEM DE TRABALHOS:

##### 1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO;

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município pelo Senhor Presidente da Assembleia, Luciano da Silva Gomes e pelo Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Eng.º António Domingos da Silva Tiago, respetivamente, ao som do toque do Grupo de Clarins das Fanfarras das Associações Humanitárias dos Bombeiros Voluntários de Pedrouços e de Moreira. Seguidamente, o Grupo Coral Infantil “Os Pequenos Cantores da Maia”, protagonizaram um apontamento musical. Deu-se no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, início à Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974. -----

##### 2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.

**O SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, LUCIANO DA SILVA GOMES,** na ausência da 1.ª Secretária da Mesa, perguntou quem gostaria de fazer parte da Mesa, tendo-se oferecido a Senhora Deputada Susana Filipa Coelho Rafael, que assumiu as funções de 2.ª Secretária. Ainda deu nota dos seguintes pedidos de substituição: a Senhora Deputada Ana Maria Fernandes Leite e o Senhor Deputado Cristiano Fernandes de Castro, foram substituídos pelos Senhores Deputados Edgar Pinheiro de Castro Rocha e Alberto Luís



Ferreira Neto, respetivamente. Os documentos comprovativos destas substituições fazem parte integrante da ata como **documentos 1 e 2**. Verificadas as presenças, constatou-se a ausências das Senhoras Deputadas Emília de Fátima Moreira dos Santos e Maria Alexandra Leite da Silva Torres.-----

## **2. EVOCACÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.** -----

**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, SENHOR LUCIANO DA SILVA GOMES,** saudou todos os presentes e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, cada um dos representantes das forças políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, o Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal e que seria finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A Sessão seria encerrada com o Hino Nacional – "A Portuguesa", ato ao qual todos se associariam.-----

----- Usaram da palavra os Senhores: -----

**JOAQUIM SILVA AZEVEDO SOUSA,** pelo **Movimento Independente por Vila Nova da Telha,** depois da sua saudação aos presentes proferiu o discurso, documento identificativo com o **número 3.**-----

**HÉLDER DA COSTA PEREIRA RIBEIRO,** pelo **Partido pelos Animais e pela Natureza,** saudou todos os presentes, proferindo de seguida o discurso, documento identificativo com o **número 4.**-----

**SILVESTRE SANTOS GOMES PEREIRA,** pelo **Bloco de Esquerda,** saudou todos os presentes e de seguida proferiu o discurso, documento identificativo com o **número 5.**-----

**PEDRO MIGUEL NEVES FERREIRA,** pela **Coligação Democrática Unitária,** saudou todos os presentes, proferindo o discurso, documento identificativo com o **número 6.**-----

**JOÃO VELOSO DA SILVA TORRES,** pelo **Partido Socialista,** saudou todos os presentes, proferindo o discurso, documento identificativo com o **número 7.**-----

**HÉLDER TIAGO FERREIRA QUINTAS DE OLIVEIRA**, pela Coligação “Sempre pela Maia” depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferiu o discurso, documento identificativo com o **número 8**.-----

**ANTÓNIO DOMINGOS DA SILVA TIAGO, VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA**, pela Coligação “Sempre pela Maia” depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferiu o discurso, documento identificativo com o **número 9**.-----

**LUCIANO DA SILVA GOMES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA**, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, proferiu o discurso, documento identificativo com o **número 10**.-----

----- Terminadas as intervenções a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional - A Portuguesa, ato a que todos os presentes se associaram. -----

----- E sendo doze horas e trinta minutos do dia vinte e cinco de Abril do ano em curso, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Assembleia Municipal, Luciano da Silva Gomes, pela 1.<sup>a</sup> Secretária, Márcia Isabel Duarte Passos Resende e pela 2.<sup>a</sup> Secretária, Susana Filipa Coelho Rafael. -----

O Presidente: \_\_\_\_\_

A 1.<sup>a</sup> Secretária: \_\_\_\_\_

A 2.<sup>a</sup> Secretária: \_\_\_\_\_

**Sandra Martins**

**De:** anita.milk@gmail.com em nome de Ana Leite [anamaria.fleite@gmail.com]  
**Enviado:** segunda-feira, 7 de Abril de 2014 15:16  
**Para:** Assembleia Municipal da Maia  
**Cc:** João Torres  
**Assunto:** Re: Sessões

Documento ①  
Anita  
A

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Na sequência da convocatória para a 2.ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal do dia 25 de abril do corrente, venho pelo presente solicitar a minha substituição, de acordo com o n.º 2 do artigo 11º do Regimento em vigor.

Sem outro assunto de momento, apresento os meus melhores cumprimentos.

Atentamente,

Ana Leite

Passos - u  
a seguinte  
7/4/14

No dia 4 de Abril de 2014 às 16:17, Assembleia Municipal da Maia <assembleia@cm-maia.pt> escreveu:

Exmos(as) Senhores(as) Deputados(as) Municipais,

Serve o presente para informar V. Exas. que a Assembleia Municipal realizar-se-á as suas:

- **2.ª Sessão Extraordinária**, no dia 25 de abril corrente, pelas 9,30h no âmbito das comemorações do 25 de Abril de 1974.

- **2.ª Sessão Ordinária**, no dia 30 de abril corrente, pelas 21h30.

Também informa-se que inserido nas comemorações do 25 de Abril de 1974, realizar-se-á um **Colóquio** no dia 29 de abril.

As convocatórias para estas duas Sessões e o convite para o Colóquio seguirão via correio.

Com os melhores cumprimentos,

O Presidente da Assembleia Municipal,

Luciano da Silva Gomes

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Luciano da Silva Gomes', written in a cursive style. The signature is located in the upper left corner of the page.

Documento ②

**Sandra Martins**

---

**De:** Pedro Ferreira [pedroferreira21@gmail.com]  
**Enviado:** quarta-feira, 23 de Abril de 2014 14:35  
**Para:** Assembleia Municipal da Maia  
**Assunto:** Pedido de Substituição



Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Maia

Venho por este meio solicitar-lhe a substituição do Sr. Deputado Cristiano Fernandes de Castro nascido em 16/01/82 e portador do cartão de cidadão n.º 12206683, o qual, por motivos de ordem pessoal, não poderá comparecer na sessão da Assembleia Municipal, a realizar no próximo dia 25 de Abril de 2014.

Assim, não levantando V. Exa. qualquer objecção, de acordo com os termos da lei, será substituído pelo elemento seguinte na lista à Assembleia Municipal da Maia da CDU, o Sr. Alberto Luís Ferreira Neto, nascido em 22/09/1965 e portador do cartão e cidadão n.º 7423142.

Com os meus melhores cumprimentos,

Pedro Ferreira  
Líder da bancada parlamentar da CDU na Assembleia Municipal da Maia

*Carroceiro*  
*24/4/14*

Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal.

Ex.mas Senhoras Secretárias da Assembleia Municipal.

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal.

Ex.mos Senhores Vereadores

Ex.mas Autoridades Religiosas (haverá?)

Ex.mos Senhores Deputados, Senhores Presidentes de Junta, Comunicação Social,  
Ex.mo Público.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Comemoramos mais um aniversário do 25 de abril.

Passaram 40 anos do acontecimento que ficará para sempre marcado na história de Portugal.

Terminou, nessa altura, um regime caduco que era suporte de uma ditadura.

A expressão 25 de Abril ficou indelevelmente marcada no coração de todos os portugueses.

Foi uma ação militar do designado movimento das forças armadas.

Composto na sua maior parte por capitães que tinham participado na guerra colonial, e entre quais reinava o descontentamento com base em reclamações corporativistas.

Teve a adesão massiva da população e ficou conhecido pela Revolução dos Cravos.




Mas o que representa para nós, neste ano de 2014, o 25 de Abril de 1974?

Para aqueles que suportaram anos de obscurantismo, de repressão das principais liberdades individuais e coletivas, e que viveram de perto os acontecimentos, foi um dia de libertação e o nascer da esperança num futuro melhor.

Para aqueles que nasceram depois daquela data talvez que não tenham a noção exata do significado desta revolução, e quais as importantes mudanças sociais que operou.

Pessoalmente, à data do 25 de Abril de 1974, ainda era bastante jovem, como alguns dos elementos desta Assembleia mas, pelo que ouvia falar, tinha algum conhecimento das dificuldades enfrentadas pelos Portugueses; as prisões políticas, a falta de liberdade de se exprimirem, a guerra no ultramar.

*afes*  


afes:   
  


Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O 25 de Abril deve ser sempre festejado.

Os seus ideais e o seu importante significado devem ser lembrados às gerações que se lhe seguiram.

Com o 25 de Abril criou-se o direito de participação nas associações e nos partidos.

Combateu-se e alterou-se a célebre ideia do orgulhosamente sós.

Implementou-se o estado democrático

Investiu-se na Educação e na Saúde.

Os direitos liberdades e garantias foram consagrados.

As prisões e as polícias políticas foram banidas.

Não podemos deixar no esquecimento da história todas estas conquistas, e temos o dever de fazer com que perdurem.

Todavia é confrangedora a situação com que agora somos confrontados.

A todo o momento falam-nos de crise.

Os cortes nos salários e nas pensões são frequentes.

Os impostos sobre os proventos do trabalho, sobre a aquisição de bens e serviços essenciais, estão a atingir limites in comportáveis.

As situações de pobreza extrema, de uma franja da nossa sociedade, são uma realidade.

O desemprego está galopante.

São aos milhares aqueles que são obrigados a emigrar, na procura dos essenciais meios de subsistência.

A assistência da doença e na velhice é bastante precária.

Os órgãos judiciais parecem adormecidos, e assistimos a prescrição de importantes processos que deveriam ser resolvidos.



As manifestações de protesto, promovidas por vários setores das atividades, incluindo as forças policiais, são preocupantes

Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Minhas Senhores e Meus Senhores

É preciso acreditar no futuro e continuar a festejar Abril.

É preciso ajudar quem trabalha e quer trabalhar.

É preciso combater a política da desconfiança, do compadrio, do tráfico de influências.

É preciso exigir aos governantes que encontrem alternativas para esta política, que só contribui para o empobrecimento.

É preciso manter vivos os ideais do 25 de Abril, para que se cumpram e continuem a cumprir-se.

Quero ser bastante otimista, na comemoração deste quadragésimo aniversário.

Mais preocupo-me, grandemente, quando leio nos jornais uma afirmação dum líder histórico da democracia, o Senhor Professor Freitas do Amaral, fundador do CDS PP, que passo a transcrever:

***“ Vivemos hoje um período de forte retrocesso histórico, liderado pelo Governo mais à direita que Portugal teve nos últimos 40 anos ”***

Todavia, quero comemorar o 25 de Abril e festejar pela continuidade das suas conquistas democráticas.

Viva o 25 de Abril.  
Viva a Maia  
Viva Portugal

Joaquim da Silva Azevedo  
(Presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova da Telha)

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA, 25 DE ABRIL DE 2014 SESSÃO EVOCATIVA DA REVOLUÇÃO DE 25 DE ABRIL DE 1974

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, Senhor Luciano da Silva Gomes,  
Exmo. Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal da Maia, Eng.º António Domingos da Silva Tiago,  
Exmas. Senhoras e Senhores Vereadores,  
Exmas. Senhoras Secretárias da Mesa da Assembleia Municipal,  
Exma. Senhora e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia,  
Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Municipais,  
Estimadas Convidadas,  
Exmas. Senhoras Jornalistas,  
Estimado Público,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

*Os dias que correm evocam o tempo e revivificam as palavras do Sermão do Monte – uma reflexão proferida, há cerca de dois mil anos atrás, pel’O ser humano pleno e integral: Jesus – pelo contexto intemporal, pelas pessoas a que se dirige, pela profundidade e pelo impacto que pode ter na Vida.*

*Àquele tempo, o povo lá na localidade onde Jesus viveu, era um povo que estava a ser barbaramente dominado, violentamente usado. O que acontecia era bárbaro e violento e visível. Não era camuflado, não era subentendido. Era! Mesmo ali!*



♥ Pessoas  
🐾 Animais  
🌱 Natureza

**PARTIDO  
PELOS  
ANIMAIS  
E PELA  
NATUREZA**  
**PAN**  
UM PARTIDO INTEIRO PELO BEM DE TUDO E DE TODOS.



*Naquele tempo, quando alguém não adorava César como era suposto adorar o Imperador Romano que tinha título de Deus, o fim era a morte.*

*Os dias eram dias de escravidão, de gente muito pobre e completamente impotente, que não possuía aquilo com que poderia comprar aquilo de que tinha necessidade.*

*Era gente que chorava amargamente por estar subjugada e por sofrer. Era gente humilhada diariamente e mergulhada numa angústia incrível.*

*Era de Lei, era obrigatório que todas as vezes que um cidadão romano precisasse por exemplo de carregar alguma coisa para sua casa, podia interromper a vida desta gente e dizer: tu, caminhas x milhas com as minhas coisas. E a pessoa tinha obrigatoriamente que parar o que estava a fazer, fosse o que fosse, para servir alguém que tinha o poder de dispor da sua vida.*

*Este era o quotidiano das pessoas para quem Jesus falava. Era gente perseguida e insultada diariamente, caluniada com muita facilidade e que não tinha a liberdade de ter vida própria.*

*Era gente que tinha uma fome, uma raiva, uma sede que um dia a justiça se fizesse para com Roma e para com aqueles que os subjugavam.*

[panmaia@sapo.pt](mailto:panmaia@sapo.pt)

<https://www.facebook.com/panmaia>

<http://maia.pan.com.pt/>



ESTAMOS A CONSTRUIR UM NOVO MUNDO



*E nos dias que estamos a viver? Será que vivifica a mesma violência mas de forma velada? Será que a escravatura só ocorria naqueles dias, hoje não?*

*Será que hoje há liberdade para viver a vida de forma plena?*

*Pois eu não sei o que pensam mas eu quero propor-vos que não.*

*Ainda ontem escutávamos alguém que partilhava connosco uma dificuldade que tinha, por hoje no local de trabalho onde a pessoa era suposto dedicar 8 horas da sua vida ter que dedicar 12, sem que com isso receba mais, sem que por isso seja promovido, apesar de não ser isso que ficou falado e contratado.*

*Não pode... ou tem medo de... de dizer alguma coisa, sob pena de...*

*Mas se não queres, a porta é ali! Há mais vinte à espera do lugar que tu tens.*

*Sabemos que não está lá ninguém com um chicote, ninguém usa de violência física mas... não há violência?*

*Nos dias que estamos a viver, muitos apesar de não proclamarem que não é a apologia da miséria e da pobreza que querem que nos aconteça, a forma como vivem e governam os outros vai nesse sentido.*





Pessoas  
Animais  
Natureza

**PARTIDO  
PELOS  
ANIMAIS  
E PELA  
NATUREZA**



**PAN**

UM PARTIDO INTEIRO PELO BEM DE TUDO E DE TODOS.

*Os dias de hoje são caracterizados entre muitas coisas por uma certa mentalidade, por uma certa forma de ver a vida e de estar nela. A verdade é que fruto de vivermos com os outros e com todos, à mercê da mentalidade que impera, somos apanhados mas de forma subtil. Outrora éramos apanhados mas de forma visível, violenta, agressiva. Era facilmente constatável. Hoje não, hoje é com muita subtilidade.*

*No passado era fácil dizer não à escravatura, hoje até fica mal dizer isso porque justificá-lo é complexo. Há uma mentalidade vigente que cultiva o prazer a qualquer custo. O prazer aonde for possível descobri-lo e experimentá-lo, quer seja por ter coisas, quer seja por ir a determinados lugares, quer seja por obter determinadas posições ou anseios que tínhamos e que nos mantém naquela expectativa de que a minha felicidade vai surgir em qualquer momento quando eu possuir, quando eu for, quando eu experimentar.*

*Como se a felicidade fosse ter alguma coisa, experimentar alguma coisa ou alcançar alguma coisa mais do que um caminho ou um estado ou uma forma de estar na vida e de viver a vida.*

*Uma vida para ser vivida de forma bem aventurada, plena, com comiseração, em comunhão com os outros seres e com todas as coisas.*

[panmaia@sapo.pt](mailto:panmaia@sapo.pt)

<https://www.facebook.com/panmaia>

<http://maia.pan.com.pt/>



ESTAMOS A CONSTRUIR UM NOVO MUNDO

maia  
w  
A

Para isso, vou citar, "Precisamos de uma espécie de despertar colectivo. Há entre nós homens e mulheres que estão despertos, mas não é suficiente; a maioria das pessoas ainda está a dormir. Construimos um sistema que não podemos controlar. Ele impõe-se a nós e tornamo-nos os seus escravos e vítimas. Para a maioria de nós que querem ter uma casa, um carro, um frigorífico, uma televisão e assim por diante, temos de sacrificar o nosso tempo e as nossas vidas em troca. [...] Criámos uma sociedade na qual os ricos se tornam mais ricos e os pobres mais pobres e na qual estamos tão apanhados nos nossos problemas imediatos que não nos podemos conceder estar conscientes do que é que se passa com o resto da família humana ou com o nosso planeta Terra. No meu espírito vejo um bando de galinhas numa gaiola lutando por umas poucas sementes de cereal, inconscientes de que dentro de poucas horas serão todas mortas".

"As necessidades, desejos e caprichos dos seres humanos não são a única base para tomar decisões éticas. Creio que temos boas razões para abandonar o antropocentrismo exclusivo que pesou sobre demasiadas tradições morais no passado e reconhecer que os demais seres vivos têm, na mesma medida que nós, direito a existir e a levar uma boa vida. Na minha opinião, há-de ver-se no florescimento de todos os seres vivos, cada



um deles com o seu conjunto de capacidades e vulnerabilidades intrínsecas, a sede primária do valor"

“O movimento de defesa dos direitos dos animais é uma extensão natural e irrecusável do movimento de defesa dos direitos humanos. É por isso que, do mesmo modo que não é coerente defender os direitos humanos sem defender os direitos dos animais, também não faz sentido defender os dos animais sem defender os dos humanos. O movimento de defesa dos animais não pode isolar-se e abandonar o projecto de uma sociedade mais justa e equitativa para todos, humanos e não humanos, que por sua vez não pode esquecer a defesa dos ecossistemas e da Terra, da qual todos os seres vivos igualmente dependem. E isso passa por uma alternativa de fundo ao modelo dominante de crescimento económico, que nega o valor intrínseco de todas as formas de vida, humanas e não humanas, bem como dos recursos naturais, convertendo-os em meros objectos e matérias-primas ao serviço do maior lucro possível para um pequeno número de indivíduos e corporações. O planeta e os seus habitantes não aguentam mais isto. É também por isso que chegou a hora de integrar as lutas sectoriais num mais amplo Movimento, de libertação global dos viventes, humanos e não humanos, e da Terra, das garras do neoliberalismo selvagem. Urge não separar as causas animal, humana e ambiental, que na verdade são uma só.

[panmaia@sapo.pt](mailto:panmaia@sapo.pt)

<https://www.facebook.com/panmaia>

<http://maia.pan.com.pt/>





É necessário subordinar a economia à política, a política à ética e a ética a uma nova cultura, inspirada por um novo paradigma, o da interconexão de todos os seres, sencientes, viventes e existentes, o da interdependência de patas, asas, mãos, barbatanas, folhas, ares, mares, rios e terra: o paradigma da grande fraternidade cósmica. E isso é Já. A Hora é Agora.”

Muito obrigado

Hélder Ribeiro  
Pessoas-Animais-Natureza

[panmaia@sapo.pt](mailto:panmaia@sapo.pt)

<https://www.facebook.com/panmaia>

<http://maia.pan.com.pt/>





Bloco de Esquerda



Documento 5  
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten initials]*

Exmo. Senhor Presidente

Exmos. Deputados

Autoridades Presentes

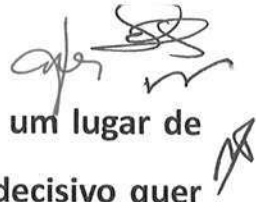
Coletividades

Digníssimo Público

#### 40 ANOS DEPOIS DE ABRIL, QUE FUTURO NOS PRETENDEM IMPOR?

É importante fazer um pouco de história para percebermos a importância e a profundidade das alterações sociais que Abril de 1974 ofereceu, através do MFA (agora ausente nas comemorações oficiais), para a construção e emancipação de um novo país. Também a independência dos povos africanos oprimidos e colonizados pela oligarquia retrógrada da ditadura é um resultado de Abril. Apesar do muito tempo decorrido, só agora se faz sentir a emergência destes novos países como sociedades em crescimento e desenvolvimento acelerado, que poderão proporcionar a melhoria das condições de vida dos povos irmãos das “ex-colónias”!

Com efeito, Abril, para além do fim de uma guerra colonial injusta e fratricida, deu-nos a possibilidade de pensarmos e agirmos em liberdade e consciência, a liberdade de expressão e informação, de aprender e ensinar, o livre acesso de todos ao ensino, o direito sem qualquer exceção à saúde, o direito a uma habitação digna, à liberdade de associação e organização sindical dos trabalhadores, o direito à greve, à negociação coletiva, à cultura, ao lazer e ao desporto, os direitos da mulher, o direito ao voto, à justiça e uma nova Constituição que unanimemente consagrou os valores para a construção de um país incomparavelmente diferente e no caminho do progresso, do desenvolvimento e da justiça social... Efetivamente uma Revolução aconteceu e a vida do nosso povo melhorou, em pouco tempo, radicalmente!



Deixamos de ser o país mais pobre e atrasado da Europa para assumirmos um lugar de destaque, com extraordinárias transformações que se refletiram de modo decisivo quer nos direitos sociais, quer no capítulo do desenvolvimento das estruturas, que modificaram radicalmente os pilares da nossa jovem democracia de cariz profundamente popular, trazendo uma nova esperança e a construção de um país onde a dignidade humana ganhou terreno ao atraso e atavismo a que estivemos prostrados! Uma esperança renovada para muitos povos que usaram o nosso exemplo para a luta pela sua emancipação!

Mas 40 anos são passados e o que estão a fazer com nossa esperança e com tudo o que “cheire” a direitos conseguidos com tanta luta e persistência?...

A explicação não está na lengalenga de políticos e seus acólitos de serviço de que agora é assim porque vivemos acima das nossas possibilidades! Agora é assim porque este é o negócio do século! Nunca ganharam tanto dinheiro sem nada fazerem, ou melhor, fazem e muito, provocam o empobrecimento dos povos, colocam governos no poder que os representam e operam a sua política no sentido do empobrecimento cíclico e da exclusão social.

Na nossa terra, no nosso País, no mundo inteiro, exige-se outro caminho, porque há alternativa, porque não tem sentido viver esmagado por uma dívida que cresce, cresce, cresce sempre, em nome dum ajustamento que cria cada vez mais e mais pobres e excluídos e uma dívida cada vez mais insuportável!

O negócio da dívida, a dívida que é ditadura, quem a fez? Quem deve a quem? A culpa não é dos direitos entretanto conquistados: a saúde, o ensino, o salário, as pensões...

Tudo isto, todos estes direitos que tanto custaram, estão bem presentes na mente no nosso povo, que ainda sente que Abril foi a esperança e a mudança, e que está bem latente na nossa memória como algo que tem de ser preservado e reconquistado para que a nossa vida melhore (os estudos de opinião assim o confirmam)!...

Por isso questionamos, a quem interessa a austeridade? Como sair desta armadilha?

Como ganhar a nossa dignidade, independência e autonomia enquanto povo?

Que Europa habitar e coabitar enquanto portugueses? É esta a Europa, aquela que nos acenavam e que afirmavam que “estava connosco”? Não é, certamente!

Queremos ser parte integrante da Europa, mas de uma Europa transformadora, onde os direitos humanos sejam respeitados, os direitos sociais e os salários sejam justos e exista o reconhecimento para quem tudo produz, os trabalhadores... Onde as pequenas e médias empresas sejam também o motor da economia e não aniquiladas por multinacionais que apenas querem aproveitar momentaneamente o vento favorável do trabalho precário sem direitos e dos salários de miséria. A Europa que dê futuro aos jovens, segurança às famílias na saúde e na infância, e também aos mais idosos, que agora são tratados como “coisas”, números descartáveis e que quanto mais depressa partirem melhor...

O 25 de Abril de 1974, foi a desobediência consciente... Por isso afirmamos, é necessário desobedecer de novo! Cito o Padre António Vieira que perguntava aos seus ouvintes: “Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos... Os grandes que têm o mando das Cidades e das Províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem povos inteiros”. Nada mais atual, assim são os mercados e a finança!

Perante a desgraça social da crise em que nos mergulharam, temos, por um lado, de saber reconhecer que foram as formas de organização social, as que Abril permitiu criar, que nos defenderam de um regresso acelerado ao “antigamente”, e agora, mais uma vez, é fundamental que exista essa força modificadora e transformadora!

Chegamos a este Abril com uma certeza: não é este o caminho!

Se não formos nós, cidadãos, todos nós, a intervir na vida pública, se não soubermos contrapor a negociatas sempre dos mesmos, a unidade na ação de todas as sensibilidades e correntes sociais, ninguém o fará por nós...

Não há soluções para o estado atual das coisas, para este governo, ou qualquer outro governo, que insista na austeridade, que se negue a reestruturar a dívida, o seu montante

e os abusivos juros que nos estão impostos e que permita que a política seja determinada pelos denominados "mercados" de agiotas sem cara!

apri  
SS  
MA

A hora é de mudança, não podemos continuar a deixar que elites completamente entregues a interesses privados, que tudo vendem até a nossa independência, nos determinem o destino.

Os tempos que hoje atravessamos terão fim, e esse poderá estar próximo! Mas há que aprender com o passado e saber criar um outro futuro, o de todos nós, intervindo no presente! Não nos resignamos, acreditamos na força imensa do nosso povo e na esperança que Abril nos ofereceu!

O que nos trouxe aqui foi a comemoração do 25 de Abril, passados 40 anos. E a esperança que, nesse dia, foi de todos. Mas o que comemoramos é a esperança de que ainda, acima de tudo, o que conseguimos construir valeu a pena e não vamos permitir que nos retirem a vontade de pertencer a um país maravilhoso, pelo qual vale a pena continuar a lutar!

Tudo isto, e muito mais, que a expressão "conquistas de Abril" habitualmente designa, é, de facto, o que comemoramos neste dia!

O que nos está a ser retirado ao povo que trabalha e construiu este país, e está a ser repetido um pouco por todo o mundo, é a ideia de um estado social e de uma democracia participada, e quem nos rouba é uma elite neo-liberal, que defende, no fundo, um mundo dividido apenas em duas partes: um condomínio de luxo fechado, para eles, e um bairro da lata imenso, para todos os outros.

Temos outra certeza! A nossa terra, o nosso País, o mundo inteiro, querem outro caminho, porque há alternativa, porque não tem sentido viver esmagado por uma dívida que cresce, cresce, cresce sempre, em espiral, a mando de servidores de uma quadrilha de financeiros sem regras nem escrúpulos.

Tudo isto acontece com jornais e canais de televisão a repetirem, dia após dia, hora após hora, que tem de ser assim, que é inevitável.

São cada vez mais os comentadores muito sabedores, que nos vêm "explicar" que a coisa é mesmo assim, que tem de ser assim, que a culpa foi de todos nós... isto é, os culpados "fomos nós próprios", mesmo que três quartos da dívida internacional do nosso país, que

eram dívida privada da banca e das sociedades financeiras, e não eram dívida pública, se tenham transformado, por magia, numa conta que nós, todos nós, e não a banca, vamos ter de pagar. Pagamos o BPN, pagamos o BPP, pagamos submarinos, pagamos tudo! Prescrevem os crimes económicos de Jardins, Rendeiros e os que se seguirão! E não se ouve uma voz do poder a dizer: ALTO E PARA O BAILE!

Não pode haver prescrições para crimes económicos!

Viram a troika a pronunciar-se quanto a isto! a exigir justiça? Acham também isto normal!... E não podemos permitir que tal aconteça!

Não podemos deixar de referir a importância do Poder Local no desenvolvimento do nosso país, que é também visível no nosso Concelho. Mas até aqui a desobediência ao poder central é fundamental! É necessário clamar contra as injustiças que o centralismo nos pretende impor. Necessitamos de dar respostas urgentes aos problemas dramáticos vividos por cidadãos da Maia, na habitação social, na construção de infraestruturas rodoviárias e ferroviárias como a alternativa à EN 14 ou a prossecução do projeto do Metro e a mobilidade dentro do concelho.

Não vamos deixar que nos tirem o que aprendemos a chamar "O 25 de Abril"! Porque quando o pensamos, dizemos e escrevemos assim, com maiúsculas, "O 25 de Abril somos nós"! Não queremos nem podemos sorrir quando tudo nos retiram! Quando nos subtraem a dignidade! Quando nos empurram para a miséria! Queremos um País que é nosso, de todos nós! Que não é, por muito que o tentem dizer, de uma tróica e dos pressupostos "salvadores nacionais".

E é por isso que hoje dizemos: Exigimos ser donos do nosso destino!

" O Povo é quem mais ordena! "

**DE PÉ, TEREMOS DE NOS AFIRMAR DONOS DO FUTURO!**

**O 25 DE ABRIL É DO POVO! VIVA O 25 DE ABRIL!**

O Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda

*Silvestre Pereira*

*António Neto*

*Maia 25 de Abril de 2014*



## COLIGAÇÃO DEMOCRÁTICA UNITÁRIA

Document 6  
aperi

M

### Sessão Evocativa do 40.º Aniversário da Revolução de Abril

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal,

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal,

Demais membros da mesa,

Caríssimos Srs. Deputados e

Estimados membros do público:

Estamos aqui reunidos, na Casa da Democracia da Maia, para evocar o dia 25 de Abril de 1974.

Por todo o país ocorrem inúmeras acções deste teor, das institucionais às de cariz popular, iniciativas de órgãos de poder, de organizações políticas, do movimento sindical e do movimento associativo, enfim, do povo português, sinal inequívoco e inolvidável da importância que reveste a Revolução dos Cravos – heróico acto de alguns oficiais das Forças Armadas que o povo apoiou, do qual se apropriou e transformou em acção revolucionária, pela qual conquistou a democracia e muito, muito mais.

Será porventura fastidioso enumerar as conquistas da Revolução, “as portas que Abril abriu” como tão bem soube dizer Ary dos Santos. Todavia, que ninguém se engane: não somos incautos ao ponto de assim pensarmos por as darmos como garantidas, mas a participação em massa dos portugueses em mais uma comemoração da Revolução assegura-nos que não só não estão esquecidas as conquistas de Abril, como a sua importância se mantém intacta.

Handwritten signatures and initials at the top right of the page. There are three distinct marks: a signature that looks like 'api', a larger signature that looks like 'ES', and a smaller signature that looks like 'M'.

Isto porque o 25 de Abril efectivamente mudou a face de Portugal! Esse "...país / onde o pão era contado / onde quem tinha a raíz / tinha o fruto arrecadado / onde quem tinha o dinheiro / tinha o operário algemado / onde suava o ceifeiro que dormia com o gado (...) onde morria primeiro / quem nascia desgraçado."

Bem vêem, não são palavras minhas. Novamente me socorro do Poeta de Abril, pois de pouco valeria dizer com outros termos o que foi já magistralmente escrito. E valho-me do seu labor não só por uma razão afectiva ou por contar a Revolução em verso. Faço-o porque a narração do Portugal de 24 de Abril que agora mesmo citei, descreve com assustadora acuidade o panorama do país que celebra os 40 anos da Revolução.

Troquemos os versos por factos: assistimos hoje a um aumento da pobreza, seja em termos relativos ou absolutos, nunca antes visto no Portugal democrático. Ao mesmo tempo, vemos o pujante crescimento das grandes fortunas e o inevitável aprofundamento do fosso entre ricos e pobres. Tal processo de acumulação de capital traduz-se na diminuição dos rendimentos do trabalho – salários, pensões e reformas – num contexto de redução de direitos laborais. Agora retrovertamos os factos: e aí estão intactos os versos do poeta.

Assim sendo, impõe-se uma questão: o que importa evocar quando nos propômos evocar Abril?

É hoje habitual ouvirmos que o 25 de Abril é património de todos e não apenas de determinados grupos, facções ou segmentos políticos. Naturalmente, quando a questão é colocada deste modo, não podemos discordar. Porém, é curioso como, com um pouco de atenção, facilmente compreendemos que esta expressão é, ela própria, oriunda sobretudo de um determinado

grupo, de uma facção, de um bem definido segmento político, sempre presente quando se trata de relativizar Abril e de atacar direitos conquistados, ou pelo menos entre nós germinados, precisamente a 25 de Abril de 1974.

Por isso, 40 anos volvidos, importa voltar à raiz de Abril, olhá-lo não como uma respeitável instituição, um marco da nossa História, uma saudade até, mas como um propósito bem definido e uma inabalável certeza: este país foi capaz de amanhecer da longa noite fascista. Portugal, que ultrapassou uma vez o 24 de Abril, saberá voltar a fazê-lo se porventura for necessário.

O 25 de Abril é de quem trabalha, de quem estuda, de quem faz do seu dia uma luta por uma vida melhor para si próprio, para os seus e, necessariamente, para a comunidade. O 25 de Abril é património de todos os que constroem o futuro e contribuem para fazer de Portugal um país melhor. Não é, não pode ser, de quem explora o povo, de quem o engana e o condena à indigência, à cerviz curvada, a uma mão cheia de incerteza e a outra mão cheia de nada.

Assim, evocar o 25 de Abril, 40 anos passados da Revolução, é antes de mais lutar pelo 25 de Abril, na convicção de que não foi uma excentricidade do nosso caminho enquanto nação mas um passo natural no caminho da emancipação colectiva. Ainda voltando ao poeta, é “pensar que somos um rio / que vai dar onde quiser // pensar que somos um mar / que nunca mais tem fronteiras / e havemos de navegar / de muitíssimas maneiras.”

25 de Abril sempre!

Maia, 25 de Abril de 2014



Documento 7  
[Handwritten signatures and initials]

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Maia  
Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia  
Sras. e Srs. Deputados Municipais  
Sras. e Srs. Vereadores e demais autarcas presentes  
Digníssimas Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas,  
Sras. e Srs. representantes de associações e colectividades,  
Exma. Comunicação Social  
Ilustres convidados,  
Cidadãos e cidadãos de Abril,  
Minhas senhoras e meus senhores,

«Foi então que Abril abriu  
As portas da claridade  
E a nossa gente invadiu  
A sua própria cidade.»

Estas palavras não são minhas, mas de Ary dos Santos, num dos seus mais notáveis poemas e num dos poemas que melhor traduz a Revolução dos Cravos: «As Portas que Abril Abriu!».

Invadamos também nós a nossa cidade, o nosso concelho, a nossa Maia. Invadamos a Maia de Abril, dos seus valores e dos seus ideais.

A Revolução dos Cravos, que hoje orgulhosamente evocamos, abriu portas a todas e a todos os Portugueses, a todas e a todos os Maiatos. Destaco a porta da Esperança, como farol orientador do nosso caminho colectivo.

O 25 de Abril assinalou um novo horizonte para todos os que acreditaram na Democracia. Mas constituiu-se como um novo horizonte, sobretudo, para todos os que acreditaram no progresso. Para todos os que, contra ventos e marés, acreditaram na alternativa.

A Revolução dos Cravos foi feita pelos capitães de Abril, a quem todos devemos uma justa homenagem. Os capitães de Abril são um exemplo de cidadania, porquanto devolveram o poder à vontade popular por vontade própria, numa atitude altruísta que honra os melhores princípios.

apes'



Mas Abril fez-se também de resistência. E foram muitos os que sacrificaram a sua vida em prol de convicções, enfrentando gravosas adversidades e um regime – digamo-lo sem receios – fascista, opressor de direitos, liberdades e garantias cívicas que hoje damos por adquiridas, mas que devemos a todos os que tiveram a capacidade de sonhar. Porque não haveria Abril sem sonhadores.



Sem revisionismos históricos, evoquemos Salgueiro Maia como um símbolo inequívoco de Abril. O homem que ajudou a pôr termo ao «Estado a que havíamos chegado» com o seu tanque da Liberdade. O homem que despertou consciências e que reservou para os outros o melhor de si.

À semelhança de tantas e tantos Portugueses, e de tantas e tantos Maiatos, nasci depois do 25 de Abril. Depois da Revolução dos Cravos. E por isso acredito que as novas gerações têm uma responsabilidade acrescida de projectar, no presente e no futuro, os valores da Liberdade e da Democracia.

Creio ter sido com esse contributo que o partido que honrosamente represento, o Partido Socialista, melhor serviu os Portugueses. Sem sofismas, a Liberdade acima de tudo. Defendemos a Igualdade. Mas em circunstância alguma relegando a Liberdade. Defendemos a Justiça. Mas em circunstância alguma relegando a Liberdade.


A Liberdade é o valor fundamental a partir do qual se constroem todos os outros.

Mas a Democracia vai muito para além da Liberdade. A Democracia é desenvolvimento. E por isso a Democracia não convive bem com algumas realidades, cada vez mais presentes e latentes entre nós, como a contínua perda de direitos por parte dos trabalhadores, a desesperança, a miséria, a pobreza. A Democracia não é compaginável com o recuo, com o retrocesso. A Democracia não pressupõe unicamente liberdade de expressão, mas progresso e alternativa.

Talvez por isso, vivemos hoje uma democracia de baixa intensidade, em que a promiscuidade entre o poder político e o poder económico evolui em crescendo, afastando os cidadãos de uma participação cívica mais activa.

Ao contrário do lugar-comum que aponta a existência de uma participação cívica mais reduzida hoje do que há 40 anos, também a participação cívica se democratizou nestas quatro décadas de Abril e deve ser hoje motivo de referência. Todavia, as formas de participação cívica estritamente no contexto político fazem-se cada vez menos através das estruturas convencionais. Os partidos políticos estão demasiado fechados sobre si mesmos e, não raras vezes, acabam por repelir contributos livres e desprendidos de cidadania.

afes' 

Que falta faz a ética republicana nas nossas instituições, em todas elas, sem excepção. Se hoje comemoramos a democracia, não esqueçamos também os bons valores inspiradores da República. 

Minhas senhoras e meus senhores,

A actual conjuntura política, económica e social de Portugal não nos deve impedir de reconhecer avanços e as conquistas muito significativas que fomos capazes de alcançar desde 1974.

- Serviço Nacional de Saúde
- Escola Pública de qualidade e para tod@s – e, portanto, de verdadeira excelência
- Diminuição da Taxa de Analfabetismo
- Aumento da Esperança Média de Vida
- Decréscimo da Taxa de Mortalidade Infantil

São apenas alguns exemplos que demonstram como a Revolução valeu a pena. São exemplos que, aliados a tantos outros, nos motivam para os desafios do presente e do futuro.

A política não pode resumir-se a um exercício de cinismo e hipocrisia e, como tal, carregamos hoje, com orgulho, um cravo vermelho junto ao peito.

Apesar de mergulhados num sentimento que nos remete para a apatia, cumpre-nos acreditar e fazer acreditar, cumprindo Abril e desenhando novos paradigmas.

A ideia de que, em Democracia, não há alternativas, é uma ideia que me choca muito particularmente. Em Democracia não há becos sem saída.

Onde a Ditadura se fez a preto a branco, a Democracia faz-se a cores.

Onde a Ditadura se fez em silêncio, a Democracia faz-se sonora.

Onde a Ditadura inspirou o medo, a Democracia inspira Liberdade.

Onde a Ditadura apontou caminhos únicos, a Democracia aponta caminhos diversos.

Não sendo os três «D's» de Abril inteiramente desactualizados, muito pelo contrário – Democratizar, Descolonizar e Desenvolver – temos colectivamente de encontrar uma



nova referência para o desenvolvimento do País mas, também, para o desenvolvimento da nossa Maia.



Essa estratégia pode, aliás, desenvolver-se também segundo três «D's»: outros «D's» que igualmente nos remetem para o campo da acção: Defender, Dinamizar e Desafiar.

Defender a nossa história e a nossa cultura.

Defender o capital humano e aqueles que têm menos recursos.

Defender e valorizar a diversidade.

Mais do que nunca, importa defender os valores de Abril, que constituem um sólido património identitário da nossa história recente.

Dinamizar. Sim, dinamizar.

Dinamizar a economia, o tecido económico.

Dinamizar as instituições e as plataformas cívicas.

Dinamizar uma acção responsável e tolerante.

Da capacidade de dinamização depende, em última análise, a nossa própria soberania e a afirmação dos povos e dos territórios.

E, por último, desafiar.

Desafiar os preconceitos.

Desafiar o conservadorismo.

Desafiar os cidadãos a serem mais participativos.

Porque a democracia precisa de todos, e porque o Poder Local é aquele que melhor encerra em si a capacidade de evidenciar a política como algo que é capaz de transformar as sociedades, urge, de facto, desafiar. Desafiar os medos. Desafiar os lugares-comuns.

Minhas senhoras e Meus senhores,

Só estaremos capacitados para cumprir Abril quando formos capazes de perspectivar de forma inteira os nossos problemas. Para cumprir Abril, temos de pôr de lado os discursos do preto e branco – do «está tudo bem» e do «está tudo mal». Temos de ser

abril

capazes de suscitar uma energia colectiva para intervir em todos os problemas que encontramos à nossa volta.



Porque, por muito que queiramos negar, eles são uma evidência no nosso quotidiano.

Porque, por muito que queiramos negar, não há poder mais perigoso do que aquele que vive em negação.

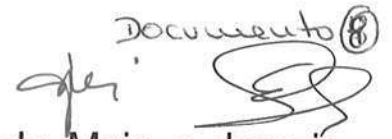
Acreditemos por isso em nós próprios e na nossa capacidade de fazer melhor, de nos superarmos. Sejamos capazes de rasgar novos horizontes.

Ousemos cumprir Abril. Ousemos rejeitas a indiferença. Ousemos abrir as suas portas.

Para que sempre possamos dizer, intemporalmente, como Ary dos Santos, que:

«Agora que já floriu  
A esperança na nossa terra  
As portas que Abril abriu  
Nunca mais ninguém as cerra»

Muito obrigado.



Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia e demais  
elementos da mesa,



Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Municipais,



Exmo. Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal da Maia e demais  
membros do executivo aqui presentes,

Coletividades e representantes da sociedade civil aqui presentes,

Caras e caros maiatos,

Entendeu a Coligação “Sempre Pela Maia” que esta intervenção, no dia em que passam 40 anos sobre a Revolução dos Cravos, fosse feita pelo deputado mais jovem, em exercício de funções, na Assembleia Municipal da Maia.

Eis-me pois, aqui, nascido após o 25 de abril e após a entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia, procurando refletir e transmitir o meu ponto de vista, que é sempre a vista a partir de um ponto, sobre estes 40 anos de abril, sem deixar de olhar para o futuro.

Os acontecimentos do 25 de abril de 1974 foram, como todos sabemos, o culminar de um processo de desgaste do regime ditatorial vigente,



acelerado pela Guerra Colonial e pelo atraso social e cultural que o país vivia, marcado pela censura e pela ausência das mais básicas liberdades individuais e coletivas.



Protagonizada pelo Movimento das Forças Armadas, que interpretou as aspirações do povo português, com a Revolução de Abril abria-se a porta para a liberdade e para a democratização da sociedade portuguesa. Democratização essa, entendida como política, económica, social e cultural. Um desafio e um ideal constantes, longe de estar alcançado e, por isso, que sempre deverá estar em qualquer estratégia de desenvolvimento futura.

Apesar de não plenamente alcançado, é certo que já estivemos mais longe e, sem dúvida, logo após o 25 de abril, o Processo Revolucionário em Curso, com toda a agitação social e radicalismo que o caracterizaram, ameaçou os verdadeiros valores de abril: a liberdade e a democracia, sem as quais não se promove a igualdade de oportunidades.

Foi assim, na sequência das eleições de 25 de abril de 1975 e dos acontecimentos do 25 de novembro, do mesmo ano, que os ideais de Abril ultrapassaram os primeiros grandes desafios e, assim, se pôde começar a cumprir Abril.

Conhecer os primeiros anos da Democracia portuguesa são, para um jovem como eu, uma aprendizagem fascinante, e desperta, muitas vezes, um sentimento de inveja por não ter vivido aquele tempo. Foi um período em que a política, mais do que nunca, era movida pelos ideais mais nobres que se centram nas pessoas, nas comunidades. De todo o espectro político português mais significativo, emergiam, naqueles primeiros anos da democracia, discursos e debates políticos apaixonados, sustentados, inspiradores e motivadores.

Desde Sá Carneiro, a Mário Soares, de Freitas do Amaral a Álvaro Cunhal, de Miler Guerra a Magalhães Mota e tantos e tantos outros que, à sua maneira, e, certamente, com aspetos menos positivos e com os quais não concordaria, contribuíram para a sedimentação da democracia



em Portugal e abriram o caminho para a entrada de Portugal na União Europeia.

Não ignoro, nesta minha intervenção, as dificuldades que os portugueses passaram na década de 80, assim como não ignoro as dificuldades por que passam nos dias de hoje, 40 anos após Abril.

Nem todos os momentos foram de sucesso, nem todas as escolhas foram as mais acertadas e justas para o povo português. Urge, portanto, fazer uma reflexão, promover uma reflexão consciente, que coloque a dignidade humana como valor inalienável, que condene a injustiça, os interesses menores, os projetos pessoais egoístas, que, muitas vezes conduzem à corrupção e corroem o espírito democrático.

Para essa reflexão e para a promoção de uma ação cívica ativa, promotora da dignidade humana, que não se concebe sem liberdade, igualdade e justiça, somos todos precisos.

Portugal será, certamente, um país melhor, se cada português, ideologicamente consciente, se empenhar na construção conjunta de uma sociedade humanista, progressista e tolerante, onde o mérito e a

competência são valores cimeiros e onde a solidariedade seja encarada como essencial para a promoção da justiça social e para a promoção da paz e harmonia coletivas.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados

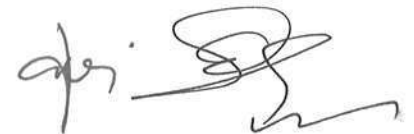
Caros Maiatos,

Evocar Abril é, também, evocar o municipalismo democrático.

Durante a ditadura, o municipalismo, tolhido pelo corporativismo reinante e submetido ao poder central da cúpula do governo do Estado Novo, atrofiou o desenvolvimento e a afirmação das comunidades locais, cujos passos dados, eram-no, sempre, com anuência do governo central.

Com o Golpe Militar de 25 de Abril, que rapidamente se transformou numa revolução, a história do municipalismo em Portugal, conheceu um novo capítulo, provavelmente o mais bem-sucedido e realizado de todos.

Sem dúvida, uma das maiores conquistas de Abril, na medida em que se fez sentir de forma efetiva no quotidiano e na melhoria da qualidade de vida das populações.



Consagradas na Constituição de 1976 como formas autónomas de administração, e não como forma de administração indireta do Estado Central, como até aqui, as autarquias conquistaram uma autonomia que permitia desenvolver uma ação política que visava o interesse próprio das populações respetivas.

A Maia deste início de séc. XXI é fruto de Abril. Fruto do trabalho de mulheres e homens que souberam construir, nestes 40 anos, um concelho de vanguarda, progressista, pujante, dinâmico e solidário, que se destaca nos mais variados setores, no contexto metropolitano, regional, nacional e europeu.

Na Maia está a cumprir-se Abril!

Mais cedo do que noutros concelhos, os maiatos souberam o significado de Abril e da adesão à União Europeia: no saneamento básico e abastecimento de água, na habitação, incluindo a social, na educação, na saúde, no associativismo, no desporto, no ambiente, nos transportes e na mobilidade, na cultura, no desenvolvimento económico e empresarial (geradores de emprego), na ciência e na tecnologia.



Resta-nos porém, e paradoxalmente, cumprir Abril. Continuar a cumprir Abril!





Os maiatos querem sempre mais e melhor, querem que os seus problemas, que persistem e que surgem, sejam resolvidos.

Querem continuar a ser uma terra de oportunidades, de bem-estar, promotora da realização e afirmação de cada indivíduo como pessoa, em solidariedade com os demais cidadãos e participando na construção da sua comunidade. A comunidade maiata.

Devemos pois, despertar em cada um de nós, a vontade de afirmação de um concelho e de um país cada vez melhores, um espírito genuíno e solidário, em que damos o melhor de cada um de nós, no sentido de ultrapassarmos as dificuldades por que passamos, reafirmando as conquistas de Abril na saúde, na educação, na justiça social e “afinar a máquina”; reformar o que não está bem; pensar numa estratégia de desenvolvimento de longo prazo, num horizonte de 10 ou até mais anos, criando uma cultura de avaliação, de reforço do que é positivo e correção

ou até punição do que é negativo; pensar no papel de Portugal na União Europeia e do municipalismo no contexto europeu e nacional.

A menos de um mês do fim do programa de assistência económica e financeira, que se tornou um mal necessário para evitar o caos, programa esse que diminuiu o país, do ponto de vista da sua soberania e, até certo ponto, da sua democracia, Portugal, os partidos mais representativos da sociedade portuguesa, têm a obrigação de olhar para o futuro e definirem um caminho. Um caminho onde haja mais esperança e mais oportunidades para os jovens e para os menos jovens, um caminho realista de paz, de tolerância, de pluralidade, de maior justiça e de desenvolvimento.

Abril é evolução! Abril é democracia! Abril é liberdade! Abril é igualdade de oportunidades! Abril é futuro!

Vamos pois, continuar a cumprir Abril!

Obrigado pela atenção!

Pelo Grupo Parlamentar da Coligação "Sempre pela Maia".

Hélder Tiago Ferreira Quintas de Oliveira

Maia, 25 de abril de 2014

Documento 9  
afis. →  
 

**Quarenta anos de Liberdade  
a construir uma Democracia**

25 de Abril de 2014

Engº António Domingos da Silva Tiago

Handwritten signature and initials in black ink, located in the top right corner of the page.

Caros concidadãos!...

Considerando que hoje é o Dia da Liberdade, compreenderão certamente que eu entenda também, este dia, como o Dia da Cidadania...

E nesse entendimento, consubstancio todos os cumprimentos, aos diversos titulares de cargos públicos e representantes das forças vivas da nossa comunidade concelhia, cumprimentando-os, a todos, na pessoa do

**Excelentíssimo Senhor Luciano da Silva Gomes,**

**Mui Ilustre Presidente da Assembleia Municipal da Maia,**



Órgão autárquico que, legitimamente, nos representa a todos, enquanto verdadeiro



Parlamento da Maia.







Perdoar-me-ão que aluda ao facto de ter vivido o 25 de Abril de 1974, numa fase da  
minha vida em que despertava para a adolescência, facto que, muito naturalmente, marcou  
a minha visão e memória desses primórdios da revolução.



Uma revolução que beneficiou, no seu dia D, da melhor tradição dos brandos costumes, da  
alma Lusa, mas que no entanto, não deixou de ter alguns episódios que quase  
ensombraram esse luminoso dia primaveril, em que o MFA substituiu as balas, pelos  
cravos, numa das mais belas metáforas pacifistas. Quem de nós, não se recordará da  
desordem e dos desvarios praticados em nome do PREC - (processo revolucionário em  
curso)?

Creio que todas as revoluções, como bem reza a História Universal, acarretam sempre uma  
certa instabilidade, senão mesmo desconforto e, por vezes também, algum sofrimento.

Mas passados esses dias do poder ilegítimo, sem Lei, nem Grei, exercido sob a égide do  
PREC, o país deu início a uma caminhada colectiva de construção da Democracia.

Uma Democracia que está a comemorar os seus quarenta anos. Idade que para uns é ainda escassa, para que se possa falar de maturidade, mas que para outros, será já tempo, para exigir maior solidez e, sobretudo, maior eficiência das suas instituições.

Como dizem os velhos sábios, o caminho faz-se caminhando. Eu diria que a Democracia também se constrói, construindo, quer dizer, constrói-se, exercendo livremente, os deveres e direitos cívicos de participação na vida democrática das comunidades e instituições em que nos inserimos e das quais fazemos parte integrante.

Creio, se me é permitida a imodéstia, que tenho de algum modo, com o meu humilde contributo, ajudado a construir a vida democrática nesta nossa pátria pequena, que é a Maia. E tenho procurado fazê-lo, não tanto pelo discurso, embora reconheça as virtudes da palavra, escrita ou falada, na afirmação das nossas convicções mais profundas, mas mais, numa prática quotidiana, em que me esforço por ouvir atentamente, opiniões e críticas construtivas, extraindo de todas elas, tudo quanto possa ser útil ou benéfico, no exercício dos cargos públicos que, democraticamente, me têm sido confiados.



Ser democrata é essencialmente, ter a capacidade de aceitar os desígnios da vontade da maioria, sem embargo de acolher e, na medida do possível, considerar a expressão das minorias, num entendimento muito claro, de que as sociedades contemporâneas se enriquecem, na diversidade e no pluralismo das ideias e opiniões.



Nasci numa sociedade em que a consciência política, quanto ao regime vigente nessa época, era um atributo muito particular de algumas pessoas que, como diziam os mais velhos: - "...tinham ideias avançadas...".

É pois natural, que a minha consciência política, à data do 25 de Abril, num tempo em que ainda era uma criança, não tivesse grande significado.

Mas tive a felicidade de crescer e de me fazer homem, com o advento da Democracia, tomando parte activa no seu processo de construção, desde os seus alicerces, cujas fundações se encontram na Constituição de 1976.

Posso não ser, e porventura não serei mesmo, um revolucionário. Mas sinto-me, como certamente muitos de vós, aqui presentes nesta sala, um evolucionário, que inculcou os princípios e valores fundamentais do Estado de Direito Democrático.

É em obediência, a esses princípios e valores fundadores da Democracia que aqui nos reunimos, para numa claríssima demonstração de maturidade democrática, comemorar o 25 de Abril, evocando os cravos que tomaram o lugar das munições...

Por fim, considerando a condição em que me encontro hoje aqui convosco, a partilhar este momento de comemoração solene, não posso deixar de sublinhar um dos domínios em que a Democracia se afirmou, porventura, com maior proximidade e reconhecimento dos cidadãos. Refiro-me, obviamente, ao Poder Local, que nestas quatro décadas, se exerceu, cumprindo a vontade dos nossos concidadãos, livremente expressa, através do voto.

É graças a essa conquista, e sentido mais concreto da Democracia, que nos reunimos neste dia tão especial, para celebrar a Liberdade, representando o nosso povo, o povo da Maia.



Documento 10

Des' w  
ESM

## **40 ANOS DE ABRIL**

**Exmos Senhores:**

- **Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal da Maia**
- **Senhoras Secretárias da Mesa da Assembleia Municipal**
- **Senhoras e Senhores Deputados da Assembleia Municipal**
- **Autoridades Militares e para Militares**
- **Convidados**
- **Dirigentes das Coletividades aqui presentes**
- **Caras Maiatas e Caros Maiatos**



**A Assembleia Municipal, no cumprimento do seu dever cívico, comemora hoje os 40 anos de Abril.**

**Fá-lo no respeito por si, pelos cidadãos da Maia, pelos militares de Abril e sobretudo pela Democracia.**

**Assistimos aqui pela voz do Vice-Presidente da Câmara Municipal afirmações que demonstram estar disponível para connosco comemorar, com a mais elevada dignidade esta data. Não poderia ser de outra forma pois graças ao 25 de Abril, se construiu um poder autárquico democrático.**

**Pela voz dos Líderes dos Partidos, Coligações e Independentes, escutámos afirmações que Abril será sempre lembrado como um dos feitos maiores da nossa História.**

**Portugal foi ao longo da sua existência um país de Heróis, quer pela sua bravura ao conquistar novos mundos ao mundo, quer pela coragem de desbravar mares nunca dantes navegáveis.**



Handwritten signatures and initials in the top right corner of the page.

**Mas em pleno século XX, Portugal isolou-se do mundo e da Europa, instalando-se a Ditadura. Manteve-se no erro de subjugar as nossas ex-colónias, vitimou muitos jovens portugueses com uma guerra sem rumo e cujo alcance era apenas o querer de alguns contra a vontade de um povo.**

**Corajosos Militares de Abril, que percebendo na sua juventude, que as guerras do Ultramar apenas serviam para manter subjugados povos que lutavam justamente pela sua liberdade, deram a primeira indicação com os movimentos em Beja e nas Caldas da Rainha, para depois fazerem desabrochar o dia da aurora da liberdade – o 25 de Abril.**

**Curvo-me perante aqueles que também correndo o risco da sua vida, nas prisões, lutavam para que Portugal pudesse ser livre. Valeu a pena a luta, porque venceu a verdade, a liberdade e um país novo.**





afri  
h  
SS  
A

- Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal
- Senhoras e Senhores Deputados
- Autoridades
- Minhas Senhoras e meus Senhores

**40 anos depois, chegamos até aqui.**

**Importa por isso refletir se estamos a viver em conformidade com um país soberano ou se, pelo contrário, temos que nos preocupar com 83% dos portugueses que afirmam não se sentir refletidos no funcionamento da nossa Democracia, ou seja, avaliam a justiça negativamente em 62%, avaliam que a Banca não está ao serviço das empresas para ajudar na criação de postos de trabalho, em 61% negativamente, avaliam as grandes empresas em valor negativo de 49%, e com certeza também avaliarão aqueles, e as Instituições, que desde o 25 de Abril, não souberam conduzir o país em prol duma justa justiça social para aqueles que mais precisam.**



des.  
w  
SS  
MA

- Onde está a justiça social?
- Quando vamos criar emprego para os milhões de portugueses, alguns em desespero?
- Quando olharemos para os jovens que estão desempregados, quase 40%?
- Quando estancamos a saída dos nossos jovens quadros, que vemos partir nos nossos aeroportos?
- Quando damos esperança a tantos idosos e reformados, que trabalharam uma vida inteira e agora têm que se sustentar a si próprios, aos filhos e aos netos?

É verdade que concordo que somos um país pequeno, endividado e que os que nos governaram e governam, depois do 25 de Abril, pouco ou nada fizeram para que pudéssemos encontrar outros caminhos.

Também não deixa de ser verdade que não é possível ter uma segurança social, com uma população ativa cujos descontos não cobrem as obrigações do Estado para com os seus cidadãos.



**Há porém uma questão, que importa esclarecer, quando é que os nossos governantes nos clarificam da situação do país?**

**Abrem, todos os dias, os canais televisivos com os seus noticiários e o que vemos?**

**Os partidos que arremessam responsabilidades uns aos outros, cuja confusão nos leva a todos a ter a grande preocupação em relação ao dia de amanhã.**

**Não me parece que só agora é que haja culpados, sempre houve ao longo destes 40 anos. Por isso, importa que os partidos assumam a responsabilidade que, através de eleições, lhes é dado pelo Povo, para que para ele trabalhem, no sentido de ser encontrado o caminho e o rumo certo para um futuro melhor.**

**40 anos é muito para que ainda não tivéssemos encontrado as soluções que evitem os flashes que todos os dias nos são mostrados, cada vez mais sem-abrigos, cada vez mais Instituições a ajudar quem precisa, cada vez**



**mais a dívida portuguesa cresce, cada vez mais vemos as empresas públicas com astronómicos prejuízos, cada vez mais se afastam os extremos, dos que nada têm e dos que têm muito.**

**Muito triste é para mim e com certeza para V. Exas. a situação que se vive um pouco por todo o país.**

**Mas para mim a solução está em darmos as mãos, usando em cada momento a força de um povo – VOTO – para reunirem forças e vontades, atenuar as diferenças que nos separam, despir as camisolas que não tenham como símbolo a bandeira verde/rubra, que possamos ter em quem decide, os mais capazes e que estes assumam um papel de trabalho em prol de todos e não de alguns.**

**Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal**

**Senhoras e Senhores Deputados**

**Autoridades**

**Minhas Senhoras e meus Senhores**



afri  
[Handwritten signature]  
[Handwritten signature]

**É com grande satisfação e penso com grande dignidade que olho para esta nossa comemoração dos 40 anos após o 25 de abril. Cumprimos o nosso dever. Damos lição a todos os Maiatos, que com esta simplicidade, demonstramos não mais esquecer quem, um dia, pensou que o Sol brilharia de igual para todos.**

**Podia ser mais ainda, mas penso que o é, na justa medida do que penso dever ser o certo com dinheiro que não é nosso. Por isso, agradeço à Câmara Municipal e aos seus colaboradores, a ajuda fundamental para estarmos como estamos, numa cerimónia simples mas no coração de cada um de nós, com uma redobrada esperança num futuro melhor.**

**A bem daqueles que mais precisam, nomeadamente no nosso Concelho, a Assembleia Municipal estará vigilante e procurará no seu dia-a-dia construir com a Câmara Municipal, as condições de tornar menos penosas**



**as consequências desta crise que teima em atingir tantos nossos concidadãos com problemas bem difíceis para a sua vida.**

**Em mim fica a esperança de um país melhor. Em mim ficará a certeza de continuar a lutar pela justiça e pela verdade.**

**Viva o 25 de Abril!**

**Viva a Maia!**

**Viva Portugal!**